

EXPLICAÇÃO, E A IMPLICAÇÃO COMPREENSIVA GESTÁLTICA

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.

De uma perspectiva fenomenológica e existencial, temos, em termos da experiência de nossos modos de ser, duas alternativas basicamente. Duas alternativas de modos de sermos que, ontologicamente se alternam, regularmente. Uma ensejando a alternância da re emergência da outra.

São elas:

- (a) A experiência de um **modo explicativo** de sermos;
- (b) E a experiência e **experimentação** -- a **ação**, e **interpretação** (*Compreensiva, fenomenológica e existencial, dialógica*) -- do **modo implicativo**, modo , **compreensivo**, de sermos. **Fenomenológico, existencial, e dialógico.**

Estes modos de sermos definem-se, enquanto tais, pela experiência e experimentação particular e própria de cada um deles,

- (1) No modo **Explicativo** de sermos:

- (a) a experiência **reflexiva – Teorética**. O modo de sermos, a consciência e a **experiência do Espectador**. E,
- (b) a experiência **comportamental**.

(2) No modo **Implicativo** de sermos: **a experimentação da vivência compreensiva, fenomenológico existencial, e dialógica, implicativa, hermenêutica, e experimental**, -- que é experimentação **pré-reflexiva, e pré-comportamental**. **A experiência e experimentação do desdobramento de possibilidades, da atualização de possibilidades. Ou seja, a experiência e a experimentação da ação compreensiva**. Experimentação, vivência, que é anterior ao modo *explicativo de sermos*: ou seja: o modo teórico, reflexivo, de sermos; e o modo comportamental, de sermos.

Algumas características básicas são naturalmente próprias e inerentes à vivência do modo **implicativo** de sermos. Modo de sermos, como observamos, compreensivo, fenomenológico e existencial. Que é vivência da força plástica de possibilidades, do desdobramento de possibilidades, vivência fenomenológico existencial, dialógica, do que chamamos de **Ação. Implicação**.

- (1) Assim, a vivência implicativa é vivência do desdobramento de possibilidades. Ou seja, a vivência fenomenológica, *implicativa*, é própria e especificamente ativa, atualizativa. Ela é a **ação** – por ser especificamente vivência de possibilidade, e do desdobramento de possibilidade; o que

responde por seu caráter fenomenológico existencial hermenêutico; *estético*, e *poiético*.

(2) O caráter **compreensivo** do modo implicativo de sermos.

A vivência fenomenológica existencial, **implicativa**, é **compreensão**.

Na medida em que a vivência de possibilidade, implicativa, **intrinsecamente** se constitui como **consciência pré-reflexiva**. Esta constituição da vivência do desdobramento de possibilidades como consciência pré-reflexiva, dionisíaca, é própria e especificamente, o que chamamos de **compreensão**. O modo fenomenológico e existencial de sermos, **ativo**, **implicativo**, é **compreensão**; é **compreensivo**.

Assim, a **compreensão** significa que, neste modo de sermos, a vivência de possibilidade, que lhe é intrínseca e característica, se constitui como consciência pré-reflexiva, fenomenológica. A possibilidade, em seu desdobramento ativo, e *motivo*, *emotivo*, é *preendida* como consciência pré-reflexiva; neste modo de sermos, a possibilidade é *apreendida* como consciência pré-reflexiva. Este modo de sermos é, assim, um modo de sermos *com(a)preensão* da possibilidade em seu desdobramento como *consciência pré-reflexiva*. O modo de sermos da *compreensão*, o modo *compreensivo* de sermos.

(3) O seu caráter, própria e especificamente, **implicativo**. O que, própria e especificamente, quer dizer: o seu caráter **gestáltico**.

Na medida em que a vivência fenomenológica, -- ativa, implicativa, compreensiva -- se constitui compreensivamente como *vivência ativa do desdobramento de um plexo (de uma multiplicidade) de possibilidades*. Que se organizam, segundo uma dominância de seu conjunto, ativa e compreensivamente, como *gestalt*, *gestaltação*.

O gestáltico desdobramento de possibilidades, o gestáltico desdobramento da ação, a vivência fenomenológica, é, própria e eminentemente, ação. É, própria e especificamente, compreensiva. E é **implicativa. Gestáltica**.

Não é *explicativa* (como explicativa o é a experiência teórica, e a experiência repetitiva e padronizada do modo de sermos do comportamento...).

(4) Na vivência da ação, assim – fenomenológica e existencial, ativa, implicativa, hermenêutica, gestáltica --, a vivência de possibilidades dá-se sempre como a vivência da dominância de um conjunto múltiplo de possibilidades – um **plexo de possibilidades – sempre**.

O conjunto da multiplicidade de possibilidades da vivência do **plexo gestáltico de possibilidades**, se organiza como uma **dominância**¹. Esta dominância das possibilidades do **plexo gestáltico de possibilidades determina a linha e**

1

o curso, percurso, da ação.

Ação que é espontânea, e desproposita, ativa, compreensiva, experimental... e implicativa: inplexativa;

(5) A afirmação vivencial, compreensiva, da dominância despropositiva da ação fenomenológica, gestáltica, implicativa, é o que constitui o seu caráter **experimental, experimental**, fenomenológico existencial.

É, pois, o investimento na tentatividade, e no risco, e no riso, da incerteza deste caráter da implicação -- desproposita, implicativo, compreensivo, hermenêutico --, da ação e da vivência fenomenológicas, que constitui o caráter experimental da ação, e da interpretação compreensivas, fenomenológicas.

(6) Como eminentemente ativa, enquanto vivência de possibilidades, vivência do desdobramento de possibilidades, ativa, implicativa, -- diferentemente dos modos **explicativos da teorização**, e do **comportamento** --, a vivência fenomenológica é movimento, é **moção**.

Isto a faz constituir-se, sempre, como movimento, moção, e como **emoção**. A vivência fenomenológica é moção, ativa, compreensiva, implicativa, é **moção**, é movimento, é emoção.

(7) Dadas estas características de moção, de desdobramento compreensivo de possibilidades, de ação -- diferentemente do que ocorre no modo teórico, e no modo comportamental de sermos, explicativos -- a vivência do modo fenomenológico de sermos, implicativo, é **tensão**, é **tensional**. A instantaneidade momentânea de sua vivência é, portanto, **intensional**. É o modo **tensional, intensional** de sermos.

(8) Caracteristicamente, a momentaneidade instantânea da vivência deste modo intensional de sermos se dá como a vivência do modo de sermos no qual somos, devimos, anteriormente ao modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto.

O Modo fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, implicativo, intensional, é, assim, um modo de sermos não só pré-reflexivo, mas própria e especificamente, pré-objetivo e pré-subjetivo; pré-intersubjetivo, naturalmente, também. Na medida em que é um modo de sermos que se constitui, enquanto tal, anteriormente à dicotomia sujeito-objeto.

Este modo de sermos, não obstante, se dá, anteriormente à dicotomia sujeito-objeto, como tensão da dialógica *eu-tu*.

Tensão esta que não é dicotomia sujeito-objeto. A dualidade da dialógica eu-tu se dá como *acontecer*. E a dicotomia sujeito-objeto é da ordem do *acontecido* -- ou seja, é posterior ao acontecer da ação, como desdobramento compreensivo, implicativo, de possibilidades.

(9) Da mesma forma que, enquanto modo compreensivo de sermos do desdobramento de possibilidades, o modo implicativo, fenomenológico e existencial, de sermos, por ser vivência do desdobramento de possibilidades, está fora das relações de causa e efeito. Na vigência de sua momentaneidade instantânea, não vigoram as relações de causa e efeito, mas o desdobramento da ação, da atualização experimental, desproposita e hermenêutica.

(10) Fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, o modo implicativo de sermos está igualmente fora das relações de uso, e de utilidade.

A ação, fenomenológica, é **desproposita**. Na medida em que é desdobramento de possibilidades (que na arguta observação de Buber – *não sou eu que crio, mas que não acontecem sem mim...*). Possibilidades que, compreensivas, partem de níveis pré-compreensivos da vivência fenomenal.

Assim, ainda que seja eminentemente *ativa*, eminentemente *ação*, a implicação é modo de sermos da *ação desproposita*; modo de sermos *despropositativo, acausal, e que se dá num modo de sermos fora da objetividade, e da subjetividade, da intersubjetividade também*. Da mesma forma que se dá fora das relações de causalidade.

A **vivência** fenomenológica da possibilidade em seu desdobramento constitui-se *compreensivamente* como sentido, como *fenômeno*, como *logos*, como *fenômeno logos*, vivência, ao modo de sermos da consciência pré-reflexiva. De um modo tal, que vivenciamos compreensivamente, como logos, como sentido, a ação da possibilidade em seu desdobramento – não subjetivo, não objetivo, não inter-subjetivo..

Na vivência fenomenológica, as possibilidades não se dão unitariamente, mas como *totalidades significativas*. Compostas estas de conjuntos de partes, cada uma delas também constituídas, igualmente, por seu turno, como outras tantas *totalidades significativas*. Estas *totalidades significativas* são o que designamos por *Gestalts*².

As Gestalts se dão, assim, como totalidades vivenciativas de sentido.

Totalidades nas quais, na vivência do desdobramento da atualização de suas possibilidades, o *todo é diferente da soma das partes*. E como totalidades significativas que, própria e especificamente, aparecem antes enquanto tais, como *totalidades*; só então se dando, paulatinamente, a seguir, a explicitação figurativa, a atualização, de suas partes.

As possibilidades que constituem as totalidades significativas, as gestalts, são forças. Dotadas de uma intensidade plástica, de uma intensidade própria de plasmação.

É interessante, assim, notar o caráter especificamente plástico da intensidade da força em que se constitui como possibilidade. Intensidade plástica esta que se constitui vivencialmente como ação gestáltica compreensiva, implicativa, e que, também, pode se prolongar como ação muscular, ação material. Não só da dimensão vivencial, mas do mundo objetivo.

Na instantaneidade momentânea da vivência fenomenológica, e existencial, as possibilidades são múltiplas, constituindo-se em Gestalts,

² *Gestalten*.

totalidades significativas ativas, totalidades ativas de sentido, no fluxo de seu desdobramento..

Vivências de totalidades de sentido, estas Gestalts competem entre si. Dialogam, na verdade argumentam entre si, na vivência. De modo que as mais intensamente plásticas se afirmam progressivamente, em consonância com a intensidade própria da instantaneidade de sua momentaneidade argumentativa.

As totalidades significativas, as Gestalts, são assim *plexos*, articulações múltiplas compreensivas, ativas, de outras Gestalts possibilidades, que se explicitam, figuram, paulatinamente, segundo as intensidades plásticas de suas forças, na sequência de suas *argumentações*.

De um modo tal que, na vivência do modo gestáltico de sermos, modo vivencial, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos, estamos na vivência gestáltica da multiPLicidade constituinte de um *plexo* de possibilidades em desdobramento. Um PLezo que não é apenas PLezo, *cum-PLexo*, mas que – ação, movimentação, moção, emoção, motivação – é, própria e eminentemente, *per-PLexo*, *per-PLexidade*, *per-PLexificação*. Na medida em que é ação, moção, movimentação, moção, emoção, das articulações possibilitativas das possibilidades partes, gestálticas, constituintes das gestalts mais abrangentes, enquanto totalidades significativas.

A vivência desses plexos que são as Gestalts, pois, é *inplexa*, é *implexativa*. E é isso que significa que este modo de vivência é a *imPLicação*.

A vivência fenomenológico existencial e dialógica tem assim a *implicação* como uma de suas características fundamentais. Na medida em que a vivência fenomenológico existencial é vivência eminentemente gestáltica, ação gestáltica.

Que, própria e especificamente, é a vivência de plexos, múltiplos, de possibilidades. Organizadas, de acordo com suas dominâncias, em totalidades significativas. Que aparecem, antes, como tais, como totalidades significativas, constituídas estas de partes, igualmente significativas. Mas que só paulatinamente, a seguir, se explicitam, sucessiva, e argumentativamente.

Estar na momentaneidade instantânea desta vivência compreensiva, fenomenológico existencial dialógica, gestáltica, *pléxica*, é o que é a *implicação*, *implexação*. É o que é estar *implicado*. *Implexificado*. *Cum-plexo*, sem dúvida, mas, sobretudo, *perplexo*.